

Narrativas de (re)existência de professores e professoras da roça

Narratives of (re)existence of rural teachers

Charles Maycon de Almeida Mota
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Feira de Santana/BA-Brasil

Resumo

Este estudo buscou compreender como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência. O método foi a Pesquisa Narrativa na abordagem qualitativa. A pesquisa está ancorada nas bases da fenomenologia e da hermenêutica por buscar compreender o ser em seu contexto de vida e os sentidos atribuídos à sua condição de existir. A pesquisa foi desenvolvida em 3 escolas municipais de Várzea do Poço-Ba, os dispositivos foram entrevistas narrativas e etnografias da roça. Foram envolvidos/as 3 professores/as que são moradores/as das comunidades rurais e docentes no Ensino Fundamental. Concluiu-se que professores/as da roça evidenciam modos de reconhecimento do espaço, como lugar habitado e constituído por posicionamentos políticos instauradores de modos de (r)existir e trans-ver a roça por uma perspectiva da ruralidade da presença.

Palavras-chave: Ruralidade da presença; Pesquisa narrativa; Docência na Roça.

Abstract

This study sought to understand how teachers who work in rural schools constitute the presentification of being-in-the-country to signify its existence. The method was Narrative Research with a qualitative approach. The research is anchored in the foundations of phenomenology and hermeneutics as it seeks to understand the being in its context of life and the meanings attributed to its condition of existence. The research was carried out in 3 municipal schools in Várzea do Poço-Ba, the devices were narrative interviews and ethnographies of the countryside. Three teachers who live in rural communities and teach elementary school were involved. It was concluded that teachers from the countryside demonstrate ways of recognizing the space, as an inhabited place and constituted by political positions that establish ways of (r)existing and trans-viewing the countryside from a perspective of the rurality of presence.

Keyword: Rurality of presence; Narrative research; teaching in the countryside.

1. Introdução

No estudo apresentado, a compreensão do ser é pensada como desvelamento do próprio ser-na-roçaⁱ, ou seja, a abertura para esse ser que é desvelado ao mostrar-se em seu sentido de ser-sendo, verdade do ser-aíⁱⁱ. O sentido do ser que já é como possibilidade de ser-mais está lançado no mundo, elegendo o tempo como a compreensão do horizonte em que o ser pode ser interpretado.

Quero deixar registrado aqui meu entusiasmo em relação a tudo aquilo que me toca, me afeta e me mobiliza a fazer o que faço na construção de uma trajetória de vida-profissão-formação que se constitui como experiência, pois, conforme Larossa (2002), experiência é a constituição de um movimento que cada um de nós tem a oportunidade de vivenciar de modo único e íntimo a partir de tudo aquilo que nos propõe condições e nos oferece proposições através de processos em que nos envolvemos e nos propomos a vivenciar situações de exposições.

A partir das experiências foi que tenho construído nesse meu caminhar na roçaⁱⁱⁱ, que pude produzir numa exposição constituída na aventura narrativa pela jornada de viver a pesquisa narrativa, deslocando-me para compreender o ser-na-roça por ele mesmo. Faço-me ente de um ser-aí encaminhado ao movimento do pensar num processo que desvela meu ser e oferece possibilidade e oportunidade de interpretar meus modos de existencialidades e transcendência no meu habitar a roça. Isso tem se colocado como uma aposta em minha trajetória de formação como pesquisador.

Neste sentido, estou sendo convocado a pensar a roça como espaço habitado e sobrecarregado de sentidos, significados e simbologias para meninos/as, mulheres, homens e idosos/as que estruturaram sua morada nesse lugar, pensando uma *ruralidade da presença*^{iv} como modo outro de compreender a presentificação de um ser-na-roça, instituído pelo ser-aí na potência da afirmação de uma vida autêntica que cada pessoa da roça tem quando se apresenta como abertura, clareira do ser. É neste sentido que vou entrecruzando minhas narrativas com as narrativas de professores/as narradores/as para desenvolver um movimento de compreensão sobre como a ruralidade da presença vai instituindo o ser-na-roça a partir dos modos de lançar-se na roça que cada pessoa se propõe fazer e, com isso, produz em seu ente formas de abertura para afirmar a vida autêntica.

Cabe sinalizar que esse texto tem a pretensão de trazer à baila um recorte da pesquisa que desenvolvi em meu processo de doutoramento^v, sendo direcionado pelas seguintes

questões de pesquisa: Como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência? Como professores/as de escolas da roça produzem experiências de ser-docente numa perspectiva do ser-mais que habita espaços rurais?

A presente pesquisa tomou como objetivo geral: compreender como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência, bem como, produzem experiências de ser-docente numa perspectiva de afirmar uma vida autêntica que é manifestada no ente que habita espaços rurais. E como objetivos específicos busquei: Entender como professores/as da roça presentificam o ser-na-roça para significação de sua existência em contexto rural; Compreender de que modo a presentificação do ser-na-roça atravessa a docência nas escolas da roça; Analisar as experiências de ser-docente numa perspectiva do ser-mais que habita espaços rurais.

O texto está organizado em duas seções, além da introdução. Uma aborda concepções e percursos sobre meus enveredamentos na pesquisa e como os processos metodológicos da pesquisa narrativa se articulam, a outra apresenta uma compreensão sobre a escola da roça como lugar de (re)existência a partir das narrativas de como professores/as da roça produzem suas experiências a partir dos modos de habitar esse lugar e ressignificam processo de vida e existência.

2. Percurso metodológico: Modos de narrar a vida e (r)existir na roça

Tenho tomado a investigação narrativa como possibilidade de (re)pensar e (re)imaginar discursos e práticas alternativas em educação. Isso significa trazer à tona outros modos de pensar a vida e a docência em escolas da roça, bem como, construir compreensões que se instituem a partir dos movimentos que as pessoas vão desenvolvendo como forma de produção de suas existencialidades. Isso vai se configurando conforme as maneiras que seus contextos de vida se apresentam e como essas pessoas produzem suas relações intersubjetivas.

Apostar na investigação narrativa é tomar como centralidade as vozes de sujeitos sociais como potencial para representar a experiência produzida, pois a investigação narrativa insurge pelas convocações de sujeitos que anunciam seus modos próprios de produzir a vida e suas existencialidades, desencadeadas de seus processos de subjetividade. Nesse sentido, é buscar um fazer pesquisa com as pessoas que vivem e produzem suas experiências na docência efetivada nas escolas da roça, de modo que as narrativas do

pesquisador vão se entrecruzando com as narrativas das pessoas que se disponibilizaram a colaborar nesse processo.

Como base nos estudos de Bolívar e Porta (2010), esse movimento de investigação que traz à baila as narrativas do/a pesquisador/a entrecruzadas com as narrativas de colaboradores/as da pesquisa se constitui como um processo biográfico-narrativo. Este se configura como uma mirada própria sobre a investigação social e educativa. O enfoque biográfico-narrativo são decorrentes da “[...] abordagem constituída pelas histórias de vida, na fronteira da Literatura e das Ciências Humanas” (Pineau; Le Grand, 2012, p. 64). Daí podemos compreender que o (auto)biográfico e o biográfico-narrativo se comprometem com processos hermenêuticos por tomar como centralidade os movimentos de compreensão comprometidos com uma apreensão de sentidos e significados provenientes de subjetividades que emergem das narrativas.

Diante disso, é importante evidenciar que tomei a Pesquisa narrativa como vertente do método (auto)biográfico com ênfase no movimento biográfica-narrativo para a realização desse estudo, intentando para uma hermenêutica da roça como possibilidade de compreender como cada um/a de nós habitamos nossos espaços de vida na roça e produzimos condições para instituir nossas existencialidades.

É relevante destacar que a pesquisa narrativa me provocou a pensar como significo minha vida, bem como me faço abertura para o ser dos entes numa condição da afirmação da vida autêntica como possibilidade de compreender a roça como lugar habitado por mim, que me instiga a ver, ouvir e sentir a vida neste lugar, onde produzo modos próprios de existência, e nos outros espaços que frequento de forma mais atenta e sensível.

Percebo que pensar narrativamente a vida é uma eventualidade de compreensão das experiências que logramos ao longo desse vivido, pois a vida não pode ser narrada e sim apenas vivida. A experiência é aquilo que podemos narrar, pois este evento nos propõe condições de representar e restituir o que conseguimos apreender do que foi vivido no decorrer do caminho que nos propiciou a produção da experiência.

Ao se propor realizar uma pesquisa narrativa é importante notar que nossa vida e os contextos em que se dá passa a ter um lugar relevante no processo biográfico-narrativo desenvolvido ao longo do estudo. Clandinin e Connely (2015, p. 77) apresentam que:

Na pesquisa narrativa, as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas. Mesmo quando os pesquisadores narrativos estudam narrativas institucionais, como as histórias da escola, as pessoas são encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais.

É de grande importância apresentar narrativas de vida-formação-profissão, seja a minha como pesquisador ou a de colaboradores/as da pesquisa, já que este é um processo fundamental para um entendimento fenomenológico que se institui pela presentificação do ser e que se apresenta como proposição compreensiva-interpretativa do fenômeno que está sendo estudado.

A pesquisa se deu em duas etapas, a saber: A primeira etapa se configurou em um mapeamento das pesquisas nos bancos de Teses e Dissertações IBCIT e CAPES, com objetivo investigar quais estudos já foram desenvolvidos nesse campo, de modo a compreender como tais estudos tem tomado as ruralidades contemporâneas; a Segunda etapa se deu com o desenvolvimento de entrevistas narrativas e etnografias da roça, versando sobre compreender como professores da roça produzem experiências do ser-doente e produzem condições de (r)existências em suas comunidades a partir dos modos como habitam a roça.

Cabe evidenciar que as etnografias da roça possibilitaram a produção de narrativas sobre minhas compreensões a respeito do movimento de investigação narrativa que desenvolvi, impulsionando narrativas sobre o mundo habitado por professores/as da roça, tomando como base suas experiências de vida e formação.

A utilização das entrevistas narrativas e etnografias da roça, como movimentos de produção de dados e narrativas, possibilitaram pensar as experiências a partir de uma proposição da autobioformação^{vi} como oportunidade de descentralização das narrativas da base do escrito, dando oportunidade para outras maneiras de narrar a vida e considerar as realidades dessa vida.

Pensar nos/as colaboradores/as da pesquisa como docentes narradores/as é assumir aqui uma perspectiva do cuidado com os diversos modos de ouvir, pensar, fazer, viver e narrar das pessoas que vivem na roça, considerando também minha implicação neste estudo como morador da roça, ou seja, pensar no conhecimento de si como mote para compreender a si mesmo e aos outros que estão nos contextos rurais.

É também uma maneira outra de conceber que colaboradores/as de pesquisa não são objetos, pois são, neste processo, protagonistas que se apresentam como atores, atrizes, narradores e narradoras de suas próprias vidas, expondo suas narrativas e como constituíram

Narrativas de (re)existência de professores e professoras da roça

experiências, modos específicos e singulares de como compreendem suas realidades e contextos, dizendo de si para si e para quem busca saber, neste caso, o/a pesquisador/a.

Com isso, buscamos superar a dicotomia sujeito/objeto tão valorizada pelo paradigma dominante que condizia com uma ciência moderna pautada nas ciências naturais clássicas. Sendo assim, o/a narrador/a compartilha suas experiências e se envolve com o/a pesquisador/a narrador/a de modo a proporcionar uma interação formativa potente no que se refere ao narrar, pois nesse movimento há uma aproximação com o que estudamos que favorece a construção de um “[...] conhecimento compreensivo e íntimo” (SANTOS, 2010, p. 85) que não nos separa do nosso *lócus* e dos colaboradores/as de pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida com uma professora e mais dois professores que mora em comunidades rurais e atuam nas três escolas da roça que integram a rede municipal de ensino de Várzea do Poço, interior da Bahia-Brasil. Nesse sentido, busquei selecionar esses/as docentes narradores/as a partir de critérios como: 1) ser professor/a de escolas da roça e atuar no Ensino Fundamental e; 2) ter mais de três anos de atuação em uma das três escolas rurais do município.

É relevante destacar que os nomes dos/as docentes narradores/as são fictícios, como informado ao Comitê de Ética^{vii} na Pesquisa. Cada docente escolheu como seria seu nome na pesquisa. Já o codinome foi uma escolha minha ao tomar como inspiração o poema “A menina avoadada” de Manoel de Barros (1999, p. 15-16).

[...]
*Esses passarinhos
sempre eram fedidos a árvores com rios
que eles traziam da mata
antes de chover*
[...]

A presença dos passarinhos na roça sempre me convocava a perceber a vida como possibilidade de beleza, encanto e liberdade. Cada passarinho com suas características de tamanho e plumagem que evidenciavam (in)significâncias para o meu habitar a roça. O canto de cada passarinho (de)marcava as temporalidades da roça e instituía modos próprios de uma produção de existencialidade que implicava no como cada um/a de nós conseguia produzir nossa condição de ser-na-roça.

Dentre os mais variados cantos, o que mais se colocava como presença no decorrer dessa jornada de investigação narrativa era o canto da Acauã, pois sua anunciação da

passagem do dia para a noite marcavam o tempo de minha escrita que se efetivava na solidão e no quase silêncio das noites na roça.

Quadro 01. Perfil biográfico dos/as docentes narradores/as

Docente narrador/a	Formação	Tempo de atuação na docência
Di-Acauã	Licenciatura em Biologia	25 anos
Sebastião-Acauã	Licenciatura em Matemática	28 anos
Geni-Acauã	Licenciatura em Geografia	37 anos

Fonte: Diário etnográfico do pesquisador, 2022

No envolvimento entre pesquisador e participantes da pesquisa, vão sendo tecidas narrativas que trazem à tona histórias de vida que representam experiências. Essas narrativas evocam o passado que se reconfigurou narrativamente com o movimento de narrar no presente, momento em que cada docente que narra (re)significa sua narrativa nas condições que esse presente lhe impõe, trazendo para esse tempo um enredamento que alinhava presente, passado e futuro. Entendo que ao vivenciar o campo de pesquisa o/a pesquisador/a não somente vive, pois ele conta e reconta histórias advindas de suas experiências e as modifica no movimento de recontá-las e revivê-las. Esse/a pesquisador/a tem a oportunidade de perceber que os/as colaboradores/as da pesquisa vivenciam o mesmo movimento.

Isso faz com que algumas indagações sejam mencionadas como maneira de refletir a respeito de diversos aspectos que permeiam o pensamento do/a pesquisador/a. Tais indagações se colocam em torno de pensar quais sentidos foram revelados com os recontos das histórias de vida para o crescimento e a transformação do/a pesquisador/a e de docentes narradores/as da pesquisa e como esses recontos podem significar possibilidades de desenvolvimento e mudança nas escolas da roça, bem como de que maneira se deu a experiência de realizar uma pesquisa narrativa em comunidades rurais no município em que vivo, pensando em quais ruralidades são vividas nestes espaços e quais seriam os sentidos de uma ruralidade da presença.

Essas são indagações que se colocaram aqui como pistas que foram tomadas cuidadosamente no ver, ouvir, sentir e pensar no campo, me impulsionando no desenvolvimento da pesquisa narrativa em contextos rurais, bem como tomei posição de respeito e cuidado com os/as docentes narradores/as da pesquisa, suas narrativas e seus

espaços de vida, pois a proposta da pesquisa narrativa se construiu com a mistura de vozes de todos/as os/as envolvidos/as.

Considerando tais pressupostos, reitero que esta pesquisa contribuiu para o processo de reflexão a respeito de ser-docente constituído por um ser-na-roça com vistas a impulsionar o desenvolvimento de práticas docentes que podem promover a valorização de ser quem somos por habitar os espaços que habitamos. A seguir apresento uma abordagem acerca do processo de compreensão das narrativas, achados da pesquisa e outras produções geradas no desenvolvimento desse estudo.

3. Entre pés de jeremas: narrativa de (re)existência sobre as escolas da roça

Utilizar na abertura dessa seção a proposta do riacho de água salgada que corre por entre pés de jeremas desvela contextos das escolas da roça em meio a todas as necessidades que se apresentam em nível estrutural e estruturante, tendo em vista seu funcionamento e suas condições de resistir.

É como ver impossibilidades de seu acontecimento, já que a todo tempo o que se faz constante é a política da negação dessa escola da roça como espaço de transformação. Em meio aos pés de jeremas que margeiam o riacho, a luz irrompe por menores lacunas que se façam aparecer entres galhos e folhagens, clareando esse riacho e nos deixando ver que há possibilidade de outras vidas e condições de existência por ali.

Esse clareamento se mostra insistência do existir e resistir da escola da roça no que tem sido a negação. A isso resolvi dar o nome de proposições. Ou seja, proposição que se apresenta desse clarear que ao se revelar também se oculta. A escola da roça como proposição por tomar seus modos de existencialidade entendendo que a educação é possibilidade. Abertura para o mundo que cada pessoa se predispõe a criar.

O professor Geni-Acauã evidencia a educação como clareira do ser-na-roça desvelado pelas proposições que se apresentam em suas compreensões sobre os processos de subjetividades que são decorrentes do movimento que os grupos provocam nos espaços da escola:

*Acho que não existe nada igual que a educação. Tem alguns pensadores que dizem que a Educação é a preparação para a vida. **Acho que a Educação já é a própria vida**, é na escola que se aprende a escrever, calcular, contar e principalmente a conviver com as pessoas. Não buscar apenas coisas materiais, mas só em aprender a conviver com as pessoas é fantástico (Geni-Acauã, entrevista narrativa, 2020 - Grifos meus).*

Compreendo que o professor Geni-Acauã se mostra abertura constante e provocativa desse ser-sendo que vai se revelando e afirma uma vida autêntica ao desver a roça, lançando-se na condição própria de trans-ver a escola e todo processo de educação como proposição da ruralidade da presença instituída pelo ser-aí. Diante disso, destaco aqui que tais proposições provocam uma narrativa sobre o desvelamento do ser-na-roça presentificado em minhas temporalidades na roça.

Nesse sentido, o desvelamento do ser-na-roça nos direciona a pensar que o ente só pode ser interpretado a partir do ponto de vista do próprio ente. Assim, a narrativa apresentada pelo ente pode nos possibilitar uma compreensão desse ente a partir da luz do ser. Isso me possibilita pensar que o ser se deixa perceber como manifestação, presentificação, apresentar-se no inesperado, naquilo que não se pode calcular. A compreensão do ser é pensada como desvelamento do próprio ser-na-roça, ou seja, a abertura para esse ser que é desvelado ao mostrar-se em seu sentido de ser-sendo, verdade do ser-aí. O sentido do ser que já é como possibilidade de ser-mais está lançado no mundo, elegendo o tempo como a compreensão do horizonte em que o ser pode ser interpretado.

Quero deixar registrado aqui meu entusiasmo em relação a tudo aquilo que me toca, me afeta e me mobiliza a fazer o que faço na construção de uma trajetória de vida-profissão-formação que se constitui como experiência, instituindo modos de desvelamento do ser-na-roça, compondo aquilo que estou compreendendo como constituição do ser-docente, pois, conforme Larossa (2002), experiência é a constituição de um movimento que cada um de nós tem a oportunidade de vivenciar de modo único e íntimo a partir de tudo aquilo que nos propõe condições e nos oferece proposições através de processos em que nos envolvemos e nos propomos a vivenciar situações de exposições.

A partir das experiências foi que tenho construído nesse meu caminhar na roça, que pude produzir numa exposição constituída na aventura narrativa pela jornada de viver a pesquisa narrativa, deslocando-me para compreender o ser-na-roça por ele mesmo. Faço-me ente de um ser-aí encaminhado ao movimento do pensar num processo que desvela meu ser e oferece possibilidade e oportunidade de interpretar meus modos de existencialidades e transcendência no meu habitar a roça, bem como, produzir compreensões sobre como cada professor/a da roça constitui seu ser-docente.

Com isso, sou convocado a pensar a roça como espaço habitado e sobrecarregado de sentidos, significados e simbologias para meninos/as, mulheres, homens e idosos/as que

Narrativas de (re)existência de professores e professoras da roça

estruturaram sua morada nesse lugar, pensando uma ruralidade da presença como modo outro de compreender a presentificação de um ser-na-roça, instituído pelo ser-aí na potência da afirmação de uma vida autêntica que cada pessoa da roça tem quando se apresenta como abertura, clareira do ser.

É neste sentido que vou entrecruzando minhas narrativas com as narrativas de professores/as narradores/as para desenvolver um movimento de compreensão sobre como a ruralidade da presença vai instituindo o ser-na-roça a partir dos modos de lançar-se na roça que cada pessoa se propõe fazer e, com isso, produz em seu ente formas de abertura para afirmar a vida autêntica.

Sou tomado pelas temporalidades da roça, num tempo e espaço que me possibilitam sentir, ver e ouvir numa dimensão que não se pode descrever com palavras, mas apenas viver a sensação. Acredito que meu ser-na-roça se manifestava nesse momento, pois é uma sensação que não tem como descrever com palavras os sentidos desse instante, de apresentar, de me perceber clareira e abertura para o ser. Meu sentimento era de buscar afirmar uma vida autêntica, motivado por minha relação com meu espaço.

Com isso, busco na linguagem que é morada do ser (Heidegger, 1991), modos de compreensão do meu próprio ser a partir dele mesmo e entendo que para além das palavras poderei utilizar-me da arte e dos modos mais simples, mas não menos importantes que existem e são representados pela linguagem da roça, da arte e da poesia como uma hermenêutica da roça e possibilidade de entendimento de como esse ente que sou se coloca abertura para esse ser-na-roça.

O ser apresenta e se oculta, se apresenta pelo pensamento que é presentificado pela linguagem, pelo silêncio, pela arte e pela poesia. Esse ser vai se desvelando, ora se mostra, ora se oculta, parece mais um jogo feito por camaleão que se desnuda a depender da árvore da qual se aproxima. A verdade do ser se revela de modo inesperado, desencadeando acontecimentos que instituem o ser-aí como passagem do reconhecer e do pensar que se encontram juntos no caminho do pensar a experiência e estão separados nesse caminhar. É o jogo de camaleão e sua camuflagem, em que assumir o ser é também guardá-lo, ocultá-lo.

Tomar as narrativas como elemento importante na compreensão desse ser-na-roça converge para o pensamento de que a *ruralidade da presença* nos possibilita deslocamentos. Estes são provocados por acontecimentos que cada um de nós, que habitamos a roça somos instigados/as a fazer para ver essa nossa realidade de outro modo, para além do que os

estudos da sociologia rural já conseguiram nos oferecer como possibilidade de nos perceber como ser-mais, moradores/as de um espaço tecido por sentidos diversos instituídos a partir das muitas maneiras que nos relacionamos uns com os outros, bem como com o espaço de uma natureza que nos abriga.

É a proposição de trans-ver o mundo, inverter ou até mesmo subverter para compreender a roça como lugar habitado. Esse movimento transgressor para trans-ver o mundo requer coragem para perceber que nosso ser-mais já está lançado no mundo e que esse ser, para além do que já é, exige distanciamentos provocados pelos deslocamentos feitos na tentativa de tomar a roça como lugar hermenêutico. Essa proposição de trans-ver o mundo para compreender a roça no âmbito da *ruralidade da presença* se aproxima mais uma vez da poesia de Manoel de Barros (2015, p. 102), que também busca na arte possibilidades para trans-ver seu mundo no pantanal habitado:

*Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imagem transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo [...].*

O mundo pela imagem é uma caracterização do que podemos ver e as palavras não conseguem descrever. É a possibilidade da presentificação do ser desvelado, apresentado de maneira desformada pelo ente que é artista, que por ser artista brinca com a linguagem e com a poesia na composição de imagens que nos ajudam a compreender como seria esse movimento de trans-ver o mundo e a roça a partir do ser-sendo que desencadeia o nosso ser-na-roça.

A *ruralidade da presença* pode ser entendida como processo que institui nosso ser-na-roça ao nos aproximar das possibilidades que temos de nos colocar como abertura, clareira, ser-aí das coisas. Por isso, as narrativas são tomadas aqui como acontecimentos que revelam os percursos de nossas temporalidades na roça e que significam desvelamento do ser-na-roça, sejam na docência ou em outros espaços na comunidade rural e, conforme Ricoeur

(2010, p. 132), “[...] o que é narrado, e não é narrativa, não é dado em carne e osso na narrativa, é simplesmente ‘representado, restituído’; por outro, o que é narrado é fundamentalmente a ‘temporalidade da vida’; ora, ‘não se narra a vida [propriamente dita], vive-se a vida’”.

Do mesmo modo que não se narra a vida porque a vivemos, não narramos a manifestação do ser: ele se presentifica. O que fazemos é o movimento de narrar os percursos das temporalidades da vida e da manifestação do ser-na-roça compreendendo os sentidos de ser dos entes. É nesse processo que está instituída a *ruralidade da presença* como modo de entender a roça como lugar em que os entes ao produzirem sentidos para habitar a roça, se abrem para a manifestação do ser.

O habitar a roça, neste sentido, é o próprio ser-aí da presença. É a partir dessas reflexões sobre as condições do existir que dou continuidade às minhas narrativas que vão revelando uma presentificação do ser através dos sentidos que cada pessoa que vive em espaços rurais pode revelar seu ser-na-roça.

A narrativa do professor Sebastião-Acauã demarca as caracterizações de identidade rural de nossa região conforme os modos de fazer e configurar a vida na relação com a roça pelo lugar da intercambialidade que as pessoas fazem em suas comunidades:

*Mesmo as pessoas da cidade você vê no final da tarde ou no início do dia aqueles pais dos nossos alunos retornando, passando na frente da escola. Aí então a gente vê que **as famílias que têm filhos naquela escola são famílias totalmente rural, totalmente da roça, que vivem do trabalho da roça mesmo**, é criando os seus animais e seja lá o que for, faça chuva ou faça sol eles estão na sua roça. Então é uma comunidade totalmente rural, por isso que a gente sente, a maioria dos professores tem essa ligação muito forte com o meio rural (Sebastião-Acauã, Entrevista narrativa, 2020 - Grifos meus).*

É a partir das relações construídas com a roça que o ser-na-roça das pessoas dessa região vai sendo desvelado, num jogo que se mostra e se oculta, desencadeando os modos distintos de produzir suas existencialidades no lugar habitado como condição para insistir conforme seu demorar-se no lugar, resistindo aos movimentos que representam a negação disso tudo que é significado pelas pessoas da roça. A ruralidade da presença vai sendo possibilidade de um ser-mais constituído pelo ser que já é e se faz roça a partir dos processos que se produzem com seu ser lançado na roça, desvelando-se esse movimento de deixar-se fazer constantemente o espaço habitado. É a provocação que se propõe pelas condicionalidades que as pessoas da roça se colocam a desver sua realidade como proposição

de trans-ver a roça e os processos de demorar-se no lugar como insistência para permanecer ou não.

Essas narrativas vão constituindo um movimento enredado ao processo em que a docência e a formação nos espaços da roça vão acontecendo de modo instituído numa *ruralidade da presença* que desvela o ser-na-roça de professores/as e outros/as moradores/as da roça desencadeando possibilidades de produção de modos geradores de sentidos e significados importantes para a existencialidade e a transcendência do humano na roça.

Entender os processos de vida-formação-profissão de professores/es da roça a partir da compreensão do ser-na-roça instituído pela *ruralidade da presença* nos convoca à sensibilidade da escuta e à percepção de como a linguagem revela esse ser. Benjamin (1994) evidencia que o narrador recolhe da experiência aquilo que narra, seja por sua narrativa ou pelo que é relatado pelos outros, fazendo uma incorporação das coisas narradas à experiência de quem se coloca como ouvinte nesse processo.

Construir uma educação como fonte de possibilidade formativa na roça tem relação com os processos e modos de ser-na-roça desvelados pelo ente professor/a ao compreender o espaço habitado como potência educativa, lançando mão de práticas que sejam convergentes com as demandas do lugar e contribuam com a afirmatividade da vida autêntica.

Evidenciar que o ser-docente é constituído por um ser-na-roça está proposto a partir do entendimento de que habitar a roça na profissão docente envolve sentidos e significados próprios para quem mora em comunidades rurais e desenvolve o fazer docente em escolas da roça. Isso tem relação direta com os modos de saber-fazer que cada professor/a produz e que são decorrentes das condições de seu ser-na-roça a partir da abertura que se faz para o desvelamento do ser. Neste caso, o desenvolvimento da profissão docente na roça fundamenta-se na ruralidade da presença que professores/as da roça constituem em decorrência de como compreendem a docência neste contexto, tomando como mote a experiência de um ser-docente instituída por aquilo que consideram relevante na profissão e se articula com o que se encontra disposto em seu mundo circundante.

Pensar narrativamente o que seria essa experiência instituída pelo ser-docente e como isso implica nas condições de habitar a roça na profissão docente permeia possibilidades narrativas de um processo insurgente da proposição fincada na proposta da ruralidade da presença por evidenciar a potência existente no movimento relacional que vai sendo

Narrativas de (re)existência de professores e professoras da roça

instituída do ser-docente de professores/as da roça pela maneira como estão lançados/as no mundo.

Ser-docente é proposição do agora, de um ser sendo que se revela pelo interesse de fazer-se visível, ser (aparecer). Interesse representando uma semântica que apresenta o ser sempre já dentro de um modo de ser. Sendo assim, a docência é convocativa de um ser-docente que se ampara nas condições do ser-na-roça que vai sendo desvelado na e pela ação de dar-se, mostrar-se (viver) em seu lugar habitado. A docência faz o/a docente de modo que a compreensão do ser-docente seja desencadeada de um movimento unívoco de uma ação encarnada que se faz de um saber-fazer, potencializada pelas formas de ser-sendo, conforme as circunstâncias de habitar a roça na profissão docente.

A narrativa da professora Di-Acauã apresenta um movimento que segue na direção que toma a educação como possibilidade formativa na roça desse ser-docente constituído pelo seu ser-na-roça:

Por morar na roça, conviver com as coisas da roça, aprender a lidar com as coisas da roça e desenvolvo um trabalho dentro da proposta de Educação Contextualizada para a convivência com o semiárido. Eu trabalho numa escola rural, então, aproveito todos os elementos pedagógicos presentes no entorno da escola e que fazem parte da realidade dos alunos e todos os espaços disponíveis para a realização dos projetos. Então esses projetos proporcionam engajamento dos alunos, pais e comunidade. O exemplo de um projeto desenvolvido com práticas investigativas que eu sempre desenvolvo na escola que trabalho é o Projeto cuidando do meio ambiente. Então a gente desenvolve esse projeto a cada ano, graças a Deus esse projeto vem sendo melhorado a cada ano. Então fazemos isso com a aula campo em propriedade dos pais dos alunos e temos a participação da família e comunidade nessas práticas. É o tipo de atividade que favorece o processo de ensino-aprendizagem, pois aproxima o cotidiano do aluno e a investigação científica (Di-Acauã, entrevista narrativa, 2020 - Grifos meus).

Promover o desenvolvimento de fazeres na docência que traga valor para o espaço habitado provocando estudantes e familiares no envolvimento com suas realidades de vida como condição para construir conhecimento a partir de uma proposta de educação contextualizada coloca-se aqui como movimento insurgente na escola da roça, uma vez que é desse movimento que são criadas as condições de resistência e proposições para manutenção das existencialidades produzidas pelas pessoas que habitam a roça.

Compreendo que professores/as da roça que reconhecem a importância do lugar habitado como possibilidade formativa na roça, congregam valor para o desenvolvimento da

docência associada aos contextos de vida das pessoas da roça. Isso por mobilizarem recursos disponíveis em sua realidade para produzir experiências com estudantes e familiares a partir das relações que se estabelecem desse movimento, numa provocação que se dá através do lançar-se na roça e demorar-se nas paradas como condição de ser-na-roça que se mostra e, também se oculta, sendo instituído pela ruralidade da presença ressonante da possibilidade formativa na roça.

A escola da roça pode ser compreendida como possibilidade de espaço público que recebe e atende um coletivo de pessoas com diferentes modos de pensar, agir, sentir, viver e narrar. Uma escola que se instaura nos espaços da roça através do movimento que professores/as como Di-Acauã se propõem a realizar, tomando as necessidades do lugar e as condições de desvelamento do ser-na-roça instituído pela ruralidade da presença que provoca abertura constante desse ente lançado na roça:

É nesta parceria que desenvolvo algumas ações. Para essas ações temos o plantio de árvores frutíferas, ornamentais e nativas na escola, na praça do povoado e na beira do rio, nas roças dos próprios alunos. O cultivo de horta na escola e hortas caseiras, pesquisa sobre tecnologia de convivência com o semiárido, observações das experiências exitosas já desenvolvidas na própria família ou comunidade, sempre levando o aluno a conhecer tecnologias apropriadas para a convivência harmoniosa com clima e a cultura e, sobretudo, com os recursos naturais do semiárido, que os alunos também reflitam sobre hábitos simples do nosso dia a dia que podem contribuir de forma positiva para a sustentabilidade do nosso ambiente. Produção de alimentos orgânicos, criatórios adaptados, prática de fortalecimento da Agricultura Familiar, conservação da biodiversidade, dentre outros (Di-Acauã, entrevista narrativa, 2020).

A perspectiva da professora Di-Acauã vai sendo tomada pelo lugar da parceria efetiva com sua comunidade, vinculando os fazeres da docência na roça aos processos de vida e existência em territórios rurais, desencadeando um movimento provocativo da produção de sentidos de habitar a roça, mobilizando-se conforme seu demorar-se no lugar e compreender a escola como possibilidade de tempo livre, por deixar-se fazer na copresença e de acordo como se propõe desver seu contexto de vida na roça para trans-ver a escola na condição de tempo livre.

A narrativa da professora Di-Acauã é uma provocação desse deixar-se fazer fazendo-se roça conforme a ruralidade da presença que cultiva pelos modos de ver, sentir, pensar e ouvir de um ser-sendo e lançado na roça, que ao provocar provoca-se clareira do ser-na-roça,

mostrando-se possibilidade de ser-mais. É com essa proposição de uma escola como tempo livre que o exercício de trans-ver a roça como lugar habitado vai se fazendo possível, pois essa questão do tempo livre segue um movimento de construção de processo que desemboca na experiência do pensar como proposição de abertura do ser-na-roça que tende a se apresentar nos entes que se dispõem a sentir, ver, escutar, pensar e narrar a partir de seus modos de existir na roça.

4. Considerações finais

A presentificação de um rural resignificado pelas insurgências decorrentes dos acontecimentos provocados pelos movimentos desses grupos que conseguiram desenvolver um nível de consciência ecológica e planetária como possibilidade de vida e existência na roça, se faz de um fazer-se roça pela compreensão que têm sobre a importância de habitar esse lugar e demarcar processos que representem as relações com cultivo e manutenção de tudo que pulsa neste espaço.

É com os sentidos e os significados decorrentes da ruralidade da presença que se institui o ser-na-roça dessas pessoas que ao se lançarem na roça e produzirem condições de desver suas realidades de vida e modos de existir em territórios rurais desenvolvem as condições para trans-ver a roça a partir de como demoram-se nas paradas que fazem nesse lugar.

As condições para trans-ver a roça decorrem da proposição contida numa perspectiva da ruralidade da presença que vai se instituindo pelos modos como o ser lançado na roça deixa-se fazer a partir da produção da vida e existência que acontece no movimento de demorar-se com as coisas do lugar habitado. Nesse sentido, o ser-docente se desvela de um ser-na-roça de professores/as, fazendo insurgir possibilidades de desenvolver uma docência que considera as subjetividades das pessoas que habitam a roça e resistem à ordem hegemônica.

Vale ainda ressaltar, que o presente estudo propôs compreensões relevantes sobre a condição de trans-ver a roça, como movimento de transgressão que as pessoas da roça realizam. Desse modo, considero a condição de trans-ver como pressuposto instaurador de atos políticos que essas pessoas produzem como maneira de (r)existência que faz com que a roça seja tomada como um lugar hermenêutico.

Diante do exposto, considero que a pesquisa narrativa se colocou como provocativo de um pensar sobre como habitamos a roça e significamos a vida nesse lugar, de modo que

contestássemos as lógicas hegemônicas que tem considerado os espaços rurais como lugar menor e que só tem serventia para o capital como fornecedor de matéria prima e recursos naturais a serem explorados.

As etnografias da roça e entrevistas narrativas se constituíram como possibilidades da produção de narrativas sobre minhas compreensões do significado e relevância da investigação narrativa pelo movimento biográfico-narrativo, trazendo à tona como cada professor/a produz experiências do ser-docente numa condição dada e (de)marcada pela ruralidade da presença ao apresentarem narrativas de vida e formação. O processo de desenvolvimento das etnografias da roça e entrevistas narrativas se fez provocativo de uma descentralização das narrativas a partir do grafado, convocando para a cena outros modos de narrar a vida, sendo a proposição de uma autobioformação.

Nesse sentido, a pesquisa contribuiu com um processo de reflexividade formativa do pesquisador e dos/as professores/as narradores/as sobre o ser-docente desvelado pelo ser-na-roça, como condição provocativa de práticas e fazeres de uma docência na roça instituída por quem somos e de como habitamos a roça. Tudo isso, como possibilidade de compreender que os modos como significamos a vida e existência na roça se produz numa associação a constantes atos e posicionamentos políticos.

Referências

BARROS, Manoel de. **Compêndios para uso dos pássaros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. v. I. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOLÍVAR, A.; PORTA, L. (2010). “La investigación biográfico narrativa en educación: entrevista a Antonio Bolívar”. **Revista de Educación** [en línea]. ISSN 1853-1326. Disponível em: http://200.16.240.69/ojs/index.php/r_educ/article/view/14. Acesso em: 15 agos. 2019.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/EFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre experiências e o saber da experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20 – 28, jan./fev./mar./abr., 2002.

MOTA, C. M. A.; SILVA, Fabrício O.; RIOS, Jane Adriana V. P.; Ruralidades contemporâneas: educação básica em foco. **Cadernos de Pesquisa**. São Luis, v. 28, n. 2, p. 39-64, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/9520/9126>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MOTA, C. M. A. Autbioformação. In: Abecedário pedagógico sob rasura: educação e(m) diversidade. **Jornal Editora Alecrim**: Salvador, BA. 2023. p. 321-323.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução Márcia Valéria Martínez de Aguiar. v. 2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo, Cortez Editora, 2010.

Notas

ⁱ Este termo é apresentado a partir dos modos de ser-viver-na-roça, se colocando aqui como um constructo que tem inspiração na proposta de ser-sendo (Heidegger, 2015).

ⁱⁱ Este termo é tomado aqui no texto como a representação da abertura de um ser-sendo que traz possibilidade de existir de forma autêntica ou inautêntica e *desain* é um movimento, um transcender como a possibilidade de um ser que se lança no mundo a partir de si mesmo, uma abertura para outros horizontes possíveis (Mota, 2022).

ⁱⁱⁱ O vocábulo “roça” é tomado ao longo deste texto como uma ruralidade específica no âmbito das ruralidades contemporâneas, por ser defendida como termo ainda presente nos contextos linguísticos das pessoas de algumas regiões do Nordeste, principalmente das localidades rurais situadas no interior dos estados, com sentidos e significados produzidos pelos povos que habitam os espaços rurais em que a pesquisa foi desenvolvida.

^{iv} Esse termo está construído a partir das discussões que realizei com base nos escritos de Heidegger a partir da primeira tradução para o português feita por Marcia Sá Cavalcante (Heidegger, 2015), para pensar como as existencialidades do ente constitui o ser-na-roça, conforme o que vai se dando na vida dos sujeitos que habitam os territórios rurais instituídos nos modos de ser-viver-na-roça.

^v Pesquisa intitulada *Ser-na-roça: ruralidade da presença e experiências do ser-docente* (Mota, 2022).

^{vi} Para Mota (2023) a Autbioformação se constitui como uma perspectiva epistemo-formativa centrada na vida e nos modos como as pessoas produzem suas narrativas e significam suas existencialidades.

^{vii} Parecer Consubstanciado do CEP de nº 3.520.118.

Sobre o autor**Charles Maycon de Almeida Mota**

Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Ensino Capimgrossense (2009), e em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia (2015), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (2012), Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (2016). É professor da Educação Básica e Psicopedagogo no Centro de Referência ao Apoio Pedagógico no município de Várzea do Poço - BA. Professor visitante na Universidade Estadual de Feira de Santana, pesquisador e vice coordenador do GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Inclusiva, no DIVERSO - Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade e no DIFEBA - Diversidade, Formação, Educação Básica e Discurso. É membro do GT 13 Ensino Fundamental da ANPED. Membro da Reppod - Rede de Pesquisa da Profissão Docente. Doutor em Educação e Contemporaneidade no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Coordenação Pedagógica, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, diversidade, formação de professores e educação do campo.

E-mail: cmamota@uefs.br; Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5927-3466>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8373498600378411>.

Recebido em: 01/06/2024

Aceito para publicação em: 13/07/2024